

Roteiro - Episódio 01

A sentença

[VINHETA - ABERTURA]

[[Cococi, a cidade fantasma do Ceará](#) | 00'06'' a 00'15'']

"E aí, pessoal, estamos chegando aqui na Cococi, começo, na chegada da antiga cidade fantasma do Ceará"

[[Achamos no Brasil uma cidade fantasma](#) | 01'52'' a 02'03'']

"Há mais de quarenta anos Cococi está assim, hoje não é mais cidade, é só distrito de outro município há mais de sessenta quilômetros"

[[Cococi, a cidade fantasma](#) [04'49'' a 05'05'']

"Valeu, pessoal! Aí foi mais um dos nossos vídeos e mostrando pra você como a riqueza, a imponência um dia também chega ao fim. Cococi, uma cidade fantasma. Curte, compartilha nosso vídeo."

Esses áudios podem ser encontrados com muita facilidade na internet. Basta um clique no google. São reportagens, documentários e registros de pessoas comuns interessadas em conhecer as ruínas da povoação abandonada. Mas durante muito tempo, um

bocado de história do Cococi ficou debaixo do tapete...

[SOBE TRILHA TENSA]

O começo da minha história com o Cococi tem data autenticada, dia 8 de agosto de 1996. Naquele dia, meu avô Martins tinha ido resolver a primeira burocracia na vida de uma pessoa, me colocar como gente no mundo, tá lá no meu registro de nascimento: Oficial do Cartório do Registro Civil de Cococi. Desde então, carrego esse nome nos meus documentos pessoais, e sempre que me perguntavam com curiosidade sobre o lugar, eu não fazia ideia de como explicar.

Um lugar que virou cidade, e depois deixou de ser, algo bem inusitado. Era como uma história de ninar, que minha mãe contava de noite. Um conto sobre a cidade que ensaiou sumir do mapa.

[[SONORA JANAINA](#) - 00'06'' a 00'40'']

"A cidade tinha sido amaldiçoada por um padre por conta de de uma de uma da família dos Feitosa que era uma disputa entre eles. E aí, o padre havia amaldiçoado. E esse Feitosa ~~é até~~ ele faleceu e segundo o que o pessoal falava era que ele tinha virado uma serpente. E no túmulo dele sempre

precisavam amarrar de correntes e sempre passar cimento, vigas de ferro porque estourava...”

Essa é a versão que envolve o imaginário popular sobre o abandono da cidade. Mas depois de uns anos, percebi que as informações eram imprecisas, e o tom era espetacularizado. Chamar um local de fantasma, mesmo sendo habitado por pessoas, soava sensacionalista e excludente. A sensação é que o assunto não acabava ali, existia algo por trás. Foi nesse momento que começou a investigação.

Eu sou Jayanne Rodrigues, nascida em Tauá, no Ceará, e esse é o podcast As Histórias não contadas do Cococi.

22 de maio de 1970. O jornal mais antigo em circulação da América Latina, o Diário de Pernambuco, noticiava a alta de desemprego que atingia a população rural e a breve chuva do mês de abril. No sudoeste do estado vizinho, no Ceará, um acontecimento digno de capa de jornal passou despercebido pela imprensa nordestina:

[DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO]

“Do exposto, conclui-se: o município de COCOCI é uma ficção jurídico-administrativa. [...] Tudo nele é simulação. A maioria da Câmara, se não mesmo a sua

totalidade, é constituída da Família Feitosa e, entre eles, dois sobrinhos do prefeito.”

Essa ordem que você escutou foi publicada no Diário Oficial da União no dia 22 de maio de 1970. Para o Ministro relator, não havia dúvidas, Cococi era uma farsa. Ela anoiteceu como cidade, e amanheceu como distrito.

Localizada no Semiárido Brasileiro, Cococi fica no sertão do Ceará, no sudoeste do estado, a cerca de 450 quilômetros de Fortaleza. Saindo de Tauá, onde nasci, ou Parambu, que são as cidades mais próximas, é preciso encarar uns 40 quilômetros de estrada de piçarra, e só há dois jeitos: transporte próprio ou pau de arara.

[[SONORA ESTRADA](#) - INÍCIO a 00'06'']

Barulho do som da estrada

[00'34'' a 00'38'']

“Rejane, faltam quantos quilômetros pra chegar? Pra chegar lá, Jayanne? Aham. 10!”

A história sobre o surgimento do Cococi acompanha a colonização do sertão dos Inhamuns com a chegada de dois irmãos. Lourenço e Francisco Alves Feitosa saíram do interior de Pernambuco em direção ao Ceará

em busca de novas terras. No ano de 1707, eles receberam 28 concessões da corte portuguesa, conhecidas como sesmarias. Eles foram povoar, mas essas terras não estavam abandonadas.

Por lá já viviam os indígenas Jucás. Assim como em outros territórios brasileiros, os povos nativos tiveram o seu modo de vida violentamente silenciado. Mas, como diz o ditado popular, nada foi de mão beijada. Foram conflitos consecutivos e sangrentos.

O povoado foi fundado em meados de 1710. Cerca de 160 anos depois, pra ser mais precisa, em 28 de setembro de 1869, se tornou distrito, pertencente ao município de Arneiroz, que fica a 48 quilômetros do Cococi. É importante lembrar que naquela época, as famílias ainda enriqueciam com os corpos negros escravizados e torturados. O censo de 1872, registrou 2.149 pessoas escravizadas em Arneiroz e São João do Príncipe, antigo nome da cidade de Tauá quando ainda era vila.

[SOBE TRILHA]

[[SONORA CAMINHADA](#) - 06'09'' a 06'25'']

SOM DOS PASSOS

Essa era a minha primeira vez no Cococi depois de muito tempo. A última tinha sido aos dois anos de idade. Rejane foi a minha guia nessa visita. Você ainda vai escutar ela por aqui. Guarde esse nome.

[[SONORA MOTOQUEIRO](#) - 01'30'' a 01'43'']

"Boa tarde, pra ir pra Cococi continua direto? Só pegar a estrada de chão e ir direto, é? Tem alguma placa indicando pra entrar... Mais adiante tem, né?"

Agora peço pra você imaginar uma estrada bem comprida, de mata fechada e com chão de terra batida. No trajeto, umas casas perdidas no caminho e um bocado de gado e bode circulando entre uma cerca e outra. O lugar é quente. A temperatura chega fácil a uns 35 graus e a sensação térmica alcança uns 40. A vegetação é típica da caatinga, faveleira, palma, cactos e pés de juazeiro se camuflam na cor cinza numa tentativa de reter água durante o período de estiagem.

Um pouquinho antes do início da sede do Cococi, tem uma curva, essa estrada dá acesso ao campo santo do distrito, o cemitério. Eu e Rejane decidimos fazer uma parada. É um lugar rodeado por um muro de alvenaria de mais ou menos, um metro e meio. É pintado de branco e tem um portão pequeno de grade. Ironicamente, parece ser o local mais povoado do Cococi.

[[SONORA CEMITÉRIO](#) - 01'21'' a 01'32'']

"O portão do cemitério fica aberto? Não é pra ficar não, Jayanne"

Minha avó paterna está enterrada lá. Mas só consegui identificar a sepultura tempos depois.

[[SONORA C EMITÉRIO](#) - 02'28'' a 02'31'']

"Como é o nome, quem é que você disse seu que tava enterrado aqui? Aurení."

Enquanto procurava o túmulo da minha avó, Rejane me chamou. Ela queria me mostrar algo...

[[SONORA CEMITÉRIO](#) - 04'00'' a 04'17'']

"Aqui era uma casinha igual aquela ali ó, como se fosse uma capelinha. Exatamente. Aí tinha o tumuluzinho dentro, só que toda vida que fechava ela papocava em cima."

Finalmente, estava olhando de perto a história que minha mãe contava. Você também escutou no começo desse episódio, ela descreveu a lenda do túmulo que sempre quebrava porque saiam serpentes lá de dentro.

[[SONORA CEMITÉRIO](#) - 04'17'' a 04'47'']

"Aí eles fizeram isso aqui ó.. De mármore. Sim. Aí tinha, tinha um crucifíciozinho desses daqui ó. Aqui

em cima. Só que quebrou. E você tá vendo também não, tá quebrada também? Não. Tá, já tá coberta com outra coisa. Aqui no canto ó. Então não tem jeito, sempre quebra. Parece. Eu não sei se é alguém que quebra, mas segundo lendas não é...”

Rejane tentou falar algo lógico, do mundo real, apesar de não ter um fato que comprove essa informação. Às vezes ter uma explicação racional espanta o medo. Até porque já estava anoitecendo, e mesmo que eu não acredite na história. Bom, nunca se sabe...

[[SAÍDA CEMITÉRIO](#) - 01'22'' a 01'30'']

“Bora, né?”

Tá, então vamos voltar pra estrada. Ah, mas se você não quiser fazer uma visita ao cemitério, basta seguir direto.

[[SONORA MOTOQUEIRO](#) - início a 00'14'']

“Finalmente chegamos na entrada, vamos em direção agora à Cococi”

Agora você enxerga um trecho levemente curvado, ali está uma pequena estrutura. Ao se aproximar, dá pra visualizar, com muito esforço, o nome 'Posto Policial'. Mais alguns passos, e você está na vila

do Cococi. Do lado esquerdo, a escola Eufrásio Alves Feitosa, de cor verde apagada, reformada há mais de 20 anos. O espaço tem duas salas, dois banheiros e uma cantina.

Ao lado do colégio, uma construção inacabada, ainda por fazer a pintura e a cobertura. Foi feita para acolher os visitantes na época da festa da padroeira que é realizada todos os anos no mês de novembro e dezembro. Mas a obra está paralisada por falta de recursos.

Em seguida, a igreja, de estilo neocolonial construída em 1740, e segue intacta. A cerca de 5 metros da capela, a casa em que Nilda vive, uma das únicas moradoras. No passado, o espaço era o cartório da cidade. Hoje, é como se fosse o ponto de apoio pra quem visita Cococi, pessoas curiosas em conhecer o que restou do local que um dia foi cidade.

A residência vizinha a de Nilda é o casarão do Major Feitosa, onde também funcionava a prefeitura. Hoje, apenas a fachada e algumas paredes persistem em pé.

No centro do que podemos chamar de vilarejo, os resquícios de uma praça, agora sem bancos e visitantes. Em um dos lados resta apenas uma casa razoavelmente habitável, onde moram Ana e Antônio.

No mais, apenas fachadas do hotel, da padaria, da bodega e até de um clube de festa, que deve ter testemunhado flertes e muito movimento..

[[SONORA RUA](#) - 00'14'' a 00'25'']

"Segundo algumas pessoas disse que aqui era o local que fazia festa, que chamavam o galo e a galinha. Como assim? Um frequentava homens, e outro frequentava as mulheres.."

Dá pra perceber que esses imóveis eram de alvenaria, mas depois de tantos anos sem manutenção, são sobras de paredes e tijolos. Respirando por aparelhos, somente duas casas estão em pé, a que Nilda vive, e a que Ana e Seu Antônio moram.

Cococi é uma palavra de origem indígena, em tradução livre seria "lugar perto d'água". Do alto da igreja do distrito, você consegue ter essa visão:

[[SONORA RIO](#) - 02'10'' a 02'27'']

"Tem o rio ali. O rio Jucá? É. Tá aí. Tá vendo esses verdes aí? Ram. ó, tá vendo aquela parte? Venha pra esse lado aqui. Tá vendo aquela parte que tem tipo um limpo? Sim. Bem ali você já desce pro rio."

Rejane estava apontando para o Jucá que fica logo abaixo do morro. Dava pra ver a margem verde do rio,

mas era período de estiagem, então foi fácil avistar o início e o fim das águas.

Estar localizado à beira do rio trazia segurança para os moradores. Na virada do século XIX para o XX, os cearenses enfrentaram três grandes secas, e pra piorar a falta de políticas públicas dificultava o acesso à água. Em muitas regiões, o estado criou campos de concentração pra confinar aqueles que sentiam fome e sede. É isso mesmo que você ouviu: campo de concentração. Mas isso é papo pra outro podcast.

Ok, antes eu disse que em 1869 Cococi se tornou distrito. Agora pule para o ano de 1957, ou seja, 88 anos depois, no dia 24 de outubro, Cococi se torna município. Mas o motivo dessa mudança ainda é confuso.

[[SONORA NESTOR](#) - 23'18'' a 23'31'']

"O que eu não consegui descobrir é como que uma reunião de pessoas numa fazenda se transforma em município."

Essa dúvida é do Nestor Razente. Ele investigou o desaparecimento gradual do Cococi no livro Povoações Abandonadas do Brasil, publicado em 2017. O que ele disse faz muito sentido. Como um aglomerado de

fazendas da família Feitosa vira município? Mas calma, a gente vai entender.

[[SONORA PAULO CESÁR](#) - 17'58'' a 18'08'']

"Todos os municípios, pequenos municípios da nossa região eles são oriundos de formação de fazendas que foram concedidas sesmarias por sesmeiros".

[16'48'' a 17'15'']

"Quando nós falamos de Cococi a nível de município, nós não estamos falando da fazenda Cococi, nós estamos falando de um pedaço de terra que abrange toda ali a parte beirando Parambu e chega até lá na Serra Grande contorna por trás, e contorna toda a serra e vem próximo de Tauá e contorna chegando a Parambu. Então, a gente está falando de uma área geográfica muito grande, né?"

Você escutou o historiador Paulo César. É dele a autoria do livro mais recente sobre a história do Cococi, lançado em 2021. Se você que me ouve não é do Ceará, talvez não conheça essas cidades que ele citou. O Cococi tem uma extensão territorial de 30 mil quilômetros quadrados. Quase do tamanho de países como a Bélgica e o Haiti. Ficou mais fácil?

[[SONORA PAULO CESÁR](#) - 18'21'' a 18'48'']

"O que me surpreendeu dentro dessa pesquisa é descobrir que na verdade nunca foi, por exemplo, um perímetro público, urbano. Ou seja, que as terras pertencesse ao estado, o município em si. Era terra, propriedade privada, mas que foi elevada à categoria de município. Então, tinha relação público-privada muito direta, né?"

Lembra daquela estrada em ruínas que eu descrevi no início do bloco? Era apenas a sede do município. A população estava distribuída em várias comunidades em toda essa área. Mas onde essa informação se conecta com a municipalização do Cococi? Há uma suspeita...

[[SONORA PAULO CÉSAR](#) - 16'35'' a 16'40'']

"Pode ser que uma das hipóteses seja o caso do quantitativo de moradores na região."

Segundo dados do Censo de 1960, a cidade tinha 653 domicílios, sendo 182 habitações próprias. Outro dado revela a desigualdade social do período. Apenas 12 residências possuíam acesso à água, que poderia ser um poço ou nascente. Ao todo, 3819 pessoas viviam na área correspondente ao Cococi.

[[SONORA PAULO CÉSAR](#) - 43'25'' a 43'30'']

"Nesse último período aí que chega no declínio e se acaba com a Cococi há um jogo político muito forte no Cococi."

O historiador Paulo César está falando da disputa por poder entre os Feitosas. Funcionava nos moldes do coronelismo. Ao todo, a população elegeu três prefeitos: Lourenço Alves Feitosa, em 1959. Leandro Custódio de Oliveira e Castro, em 1963 e Eufrásio Alves Feitosa, conhecido como Major Feitosa, no ano de 1967.

[[SONORA REPORTAGEM JANGADEIRO](#) - 01'29'' a 02'03'']

"Leandro governou Cococi nos tempos áureos, é o único ex-prefeito vivo. Qual foi a época que o senhor governou por lá? 64 e 67. Era bom morar lá? Era bom. E Cococi era uma cidade rica? É. Era de gado e propriedade grande. E agora tudo ficou aonde? Ficou lá. Ficou na lembrança."

Esse é um dos únicos arquivos públicos disponíveis em que a voz de um dos ex-prefeitos se materializa, foi gravado há mais de dez anos. Leandro faleceu em 2012 e está enterrado no cemitério do Cococi.

Voltando a disputa eleitoral. No derradeiro pleito, comandado pelo Major Feitosa, vale ressaltar um fato curioso. Ele pertencia a ARENA, partido criado em 1965 pra ser base da ditadura militar. Se a gente

pensar rápido poderia até imaginar que por esse motivo ele teria um apoio maior no Governo Federal, mas não foi o que aconteceu.

[[SONORA NESTOR](#) - 29'28'' a 29'46'']

"Arena significa governo, é o braço político do militarismo. E no entanto ele não consegue fazer retroceder essa condição".

A última eleição do Cococi, em 1966, teve um diferencial que chama atenção: apenas 378 votos, 1 branco e 7 nulos pra uma população com aproximadamente 2 mil eleitores. A conta não fechava.

[[SONORA PAULO CÉSAR](#) - 44'49' a 44'59'']

"Porque já nesse período havia um movimento político que fez com que grande parte do eleitorado transferisse seu título para Parambu, entendeu?"

A partir daí, as coisas foram se definindo.

[[SONORA PAULO CÉSAR](#) - 45'44'' a 46'08'']

"As pessoas se sentiram desmotivadas, outros talvez já não queria mais morar no Cococi, outros pra Cococi já não tinham mais interesse. É, outros, eu tenho prestígio, poder, dinheiro, minhas terras ficam aqui, mas eu vou pra outro lugar, chega de

ficar por aqui, sabe? tudo isso somado culminou no abandono do Cococi."

Foram cerca de 12 anos sendo cidade.

[SOBE TRILHA]

Seu Luís Quililiu era um dos moradores do Cococi.

[[SONORA LUÍS QUILILI](#) - 37'51'' a 37'58'']

"Cococi foi se acabando, rapaz, foi ligeiro. Foi ligeiro? Foi ligeiro... Foi se acabando, o povo indo simbora"

Esse é o trecho que consegui salvar da entrevista. Seu Luís é figura importante nessa história. Viveu várias fases do Cococi. Essa breve fala dele revela o período de derrocada do município que teve o estopim em 1970, quando foi rebaixado a distrito.

Eu conversei com Seu Luís Quililiu uma única vez, em meados de janeiro de 2021. Meses depois recebi a notícia do seu falecimento.

Ele viveu 85 anos. Foi vaqueiro, agricultor e confeccionava malas de couro para a elite da região. Sua companheira de vida era Laura. Juntos, criaram os nove filhos. Seu Luís fazia longas viagens partindo do Cococi, e foram justamente essas horas

prolongadas, montado em um cavalo que comprometeu sua coluna durante a velhice.

Mas pra ele, essa marca representava os anos que se dedicou ao trabalho. Era conhecido pela memória aguçada. Respondia com rapidez qualquer pergunta relacionada ao passado.

Seus últimos dias de vida foram no Juá, comunidade que integra a extensão territorial do Cococi. Uma de suas netas herdou dele o dom de contar histórias, é Rejane, lembra desse nome?

[[SONORA REJANE](#) - 34'36'' a 34'38'']

"Deixou um legado muito grande."

[35'02'' a 35'45']

"Porque sempre morou nessa região do Cococi, na verdade, ele nasceu e se criou muito próximo do Cococi. o lugar que ele morou mais longe da sede do Cococi, foi no Juá que eu acho que dá o quê? Uns dezoito quilômetros. Então ele sempre morou nas proximidades, né. Tudo dele era muito ligado àquela comunidade, então vivenciou muitas coisas. Momentos bons, momentos ruins, mas vivenciou muita coisa, né?"

[SOBE TRILHA]

[[SOM DO AMANHECER/ galo cantando](#)]

A sede do município do Cococi foi pra seara do esquecimento pelo poder público. Em paralelo, as comunidades que integram a área territorial se desenvolveram e criaram suas próprias particularidades.

Mundo Novo é uma delas. É um assentamento da reforma agrária que foi desabitado em 1988, e fica a oito quilômetros da vila do Cococi. Hoje, são 33 famílias assentadas.

[[SONORA REJANE](#) - 01'08'' a 01'22'']

"No início do assentamento a gente não morava aqui, veio os outros tios nosso, meu, morar aqui. Que como a gente morava aqui era distante aí nós viemos pra cá pra ficar mais próximo do restante da família."

[[SONORA SOCORRO](#) - 00'06'' a 00'27'']

"Esses pé de manga sabe de quem era, Jayanne? Não. Pois era do finado Major. Major Feitosa isso aqui era dele. Isso aqui tudo era dele. Até aqui onde? Até aqui, essa açude do Mundo Novo, essas mangueiras era era do do pessoal do Major Feitosa. Tem até, mãe, o lugar que era as casa, só tem a marca, não tem mais a casa."

Socorro é uma dos nove filhos de Seu Luís Quililiu. Ela estava contando a história de um pé de manga centenário do Mundo Novo. Ela e os quatro filhos, Jane, Taércio, Natanael e Rejane vieram morar no assentamento no início dos anos 2000. Essa outra voz que você escuta ao fundo é de Jane.

[00'34'' a 00'44'']

"Mãe, no dia que Antenor passou naquela casinha que nós morava de João Pedro. Ram. Aí ele mostrou onde era a outra casinha. Sim. E ele morava aqui na época eles andava pra cá, né, também.

Socorro decidiu se mudar pra Mundo Novo depois da morte do marido. Ele foi assassinado no final da década de 90 na sede do Cococi. Com quatro filhos pra criar sozinha, ela se virou em mil e fez o que pôde. Hoje, cada filho mora em terrenos vizinhos ao lado dela. Quer dizer, menos Rejane que mora em Tauá.

Eles vivem da agricultura familiar, criam gado, galinha, bode e porco.

[SOBE TRILHA]

[[CACHOEIRA COM MARIA E JOSÉ](#) - 00'54'' A 01'11'']

[[SONORA JOSÉ E LOHANNY](#) - Início a 00'26'']

"O que que vocês mais gostam no Mundo Novo? Eu gosto de brincar, jogar bola, tomar banho na caixa, tambor e só. E aqui na casa de sua vó Socorro? É... tomar banho na caixas, ajeitar o bicho, brincar muito mais a Laura, andar na motinha e matar passarinho.."

[04'18'' a 04'25'']

"Oi, meu nome é José Rodolfo Pereira de Castro, eu moro no Mundo Novo. E tem quantos anos? 6! Ê!"

Ah, e a irmã do Rodolfo também.

[04'12'' a 04'17'']

"Olá, meu Lohanny, eu moro no Mundo Novo e tenho nove anos."

[03'41'' 03'59'']

"E se vocês tivessem que apresentar o Mundo Novo pra alguém, a pessoa não conhece. Como é que cês iam falar que é o Mundo Novo? Mundo Novo é uma cidade legal, que mora muita gente e também que tem muita água".

[01'26'' a 01'40'']

"Eu gosto de brincar, gosto de ver os passarinhos, gosto de ir na cachoeira, tomar banho na caixa. Gosto de um monte de coisa"

[02'59'' a 03'11'']

"E se falassem pra vocês que cês iam ter que ir embora do Mundo Novo? E aí, o que que ia acontecer? Lohanny não ia não, eu não ia não."

A sede do Cococi está desaparecendo, mas a memória das pessoas que reinventam e constroem novas relações com esses espaços parecem ser o único lugar onde essa história permanece.

[VINHETA DE ENCERRAMENTO]

No próximo episódio do podcast As Histórias Não Contadas do Cococi, você vai conhecer a vida de uma mulher e um lugar.

Essa produção é resultado do trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro. Eu sou Jayanne Rodrigues. Faço o roteiro e a produção deste trabalho. Edição e mixagem de Pedro Miranda e orientação da professora Teresa Leonel.